Capítulos de História Política

Charles Sidarta Machado Domingos
Alessandro Batistella
Douglas Souza Angeli
Organizadores

OIKOS
EDITORA

© Dos autores – 2018

Editoração: Oikos

Capa: Douglas Angeli

Revisão: De responsabilidade dos organizadores

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):
Antonio Sidekum (Ed.N.H.)
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Unisinos)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luís H. Dreher (UFJF)
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)
Marluza M. Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

C244 Capítulos de História Política: fontes, objetos e abordagens. [E-book] / Organizadores: Charles Sidarta Machado Domingos, Alessandro Batistella e Douglas Souza Angeli – São Leopoldo: Oikos, 2018.

465 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7843-782-4

1. História política. 2. Historiografia. 3. Estados-nacionais – Relações internacionais. 4. Partidos e eleições. 5. Crises – Golpes. I. Domingos, Charles Sidarta Machado. II. Batistella, Alessandro. III. Angeli, Douglas Souza.

CDU 981:32

Catalogação na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação 7

Parte 1 – Conceitos e Historiografia

Capítulo 1 – A política rio-grandense no Segundo Império:
um balanço historiográfico 12
Jonas Moreira Vargas

Capítulo 2 – Olhares historiográficos externos sobre o Estado Novo 36
René E. Gertz

Capítulo 3 – História dos conceitos e conceitos na História:
a imprensa como fonte/objeto da História Conceitual do Político 53
Luis Carlos dos Passos Martins

Capítulo 4 – Reflexões acerca do conceito de populismo 75
Alessandro Batistella

Capítulo 5 – Maio de 1968: um mundo em transformação:
"é proibido proibir"! 93
Carla Brandalise

Parte 2 – Estados Nacionais e Relações Internacionais

Capítulo 6 – Uma linha, uma ilha e um continente:
nas fronteiras terra adentro, um reino pariu um Império (1530-1830) ... 115
Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Capítulo 7 – Nas margens do Estado: a transgressão da fronteira e
a construção do Estado Nacional ao sul do Brasil Império 145
Mariana Flores da Cunha Thompson Flores

Capítulo 8 – Cultura política, guerra e projeto nacional:
uma discussão sobre a política imperial e os proprietários
brasileiros no Uruguai (1845-1863) 164
Carla Menegat

Capítulo 9 – A Argentina no horizonte da grande estratégia
de Rio Branco 186
Adelar Heinsfeld

Capítulo 10 – História Política e Relações Internacionais:
uma abordagem sobre o segundo governo Vargas (1951-1954) 204
Ana Luiza Setti Reckziegel

A política rio-grandense no Segundo Império: um balanço historiográfico

Jonas Moreira Vargas

Lembro com certa saudade do ano de 2005. Quando ingressei no Mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul meu objetivo era estudar os partidos políticos monárquicos, dando ênfase aos mecanismos de recrutamento da elite política no Rio Grande do Sul, na segunda metade doséculo XIX. Os arquivos de Porto Alegre eram a minha segunda casa e preencher minhas bases de dados sobre as elites rio-grandenses era quase um passatempo. Um ano depois, tive a oportunidade de apresentar os resultados parciais da minha pesquisa no VIII Encontro Estadual de História, realizado na Universidade de Caxias do Sul. Foi um evento proveitoso, mas um pouco frustrante para mim que buscava interlocutores a respeito da mencionada temática. Tendo inscrito meu trabalho no Simpósio organizado pelo GT de História Política, eu era o único dos comunicadores que pesquisava o período monárquico. O coordenador da sessão era o estimado Professor René E. Gertz, que, percebendo a situação, colocou-me como o primeiro a falar, anunciando minha apresentação da seguinte forma: "Então vamos começar com o Jonas na Baixa Idade Média... depois passamos para o século XX". Foram muitas risadas (de fato, foi uma boa piada). Ao final, não participei do debate, pois não recebi perguntas do público e nem dos colegas. Não era uma boa época para se estudar o tema que eu havia escolhido e essa experiência foi fundamental para que eu decidisse trocar de temática no Doutorado, quando passei a trabalhar com a história agrária da província, as charqueadas e a escravidão – terreno no qual acabei encontrando muitos interlocutores.

Contudo, se esse mesmo evento que narrei acima tivesse ocorrido nos dias de hoje, eu não teria o mesmo problema.Atualmente, o cenário apresenta-se bastante distinto, pois uma nova geração de historiadores tem contribuído de forma marcante com aspectos anteriormente pouco estudados. Esses novos trabalhos apresentam uma abordagem diferente dos clássicos estudos dos anos 1980 e 1990. Ao invés de uma história das ideias e

das ideologias políticas e partidárias, amparada em discursos parlamentares, fontes jornalísticas e relatórios oficiais, tem se praticado mais uma *História social da política*, preocupada, sobretudo, com os atores sociais envolvidos em todo o universo da política, desde os votantes pobres até os grandes líderes, passando por outros grupos de agentes que influíam neste mundo. Estudos sobre os mediadores políticos, a importância dos oficiais militares e milicianos na época dos pleitos, as disputas das facções locais pelo controle dos cargos paroquiais e o debate a respeito da construção do Estado imperial, elencando autores que vão de José Murilo de Carvalho até Maria Fernanda Martins, são temas certos nas pesquisas atuais, mas na época que ingressei no Mestrado não o eram. Todos eles fizeram parte do repertório de temas que busquei enfrentar naqueles anos, por meio de rigorosa e cansativa pesquisa empírica. Minha dissertação de mestrado[1] foi o ponto de encontro de muitas contribuições e diálogos que tive com grandes amigos na época e de fontes que coletei desde o período em que fui estagiário no Memorial do Judiciário – TJRS (2000-2002). Portanto, aproveito os dez anos de "Entre a paróquia e a Corte" para fazer uma reavaliação das contribuições recentes no mencionado campo historiográfico.

O presente texto está dividido em três partes. Num primeiro momento comento o contexto historiográfico anterior aos anos 2000 e de como as abordagens sobre o temadividiam-se em pelo menos duas vertentes: uma mais focada na reconstrução das ideologias partidárias a partir de fontes oficiais e outra um pouco mais preocupada em incorporar os aspectos socioeconômicos que estavam por trás do mundo da política. Posteriormente, trato do quadro geral encontrado por mim quando ingressei no curso de Mestrado, os dilemas que enfrentei na construção de "Entre a paróquia e a Corte", destacando como busquei resolvê-los em termos teóricos e metodológicos. Por último, examino os caminhos que atualmente estão sendo trilhados por aqueles que seguem praticando uma *História social da política* para estudar o período, que objetos de pesquisa foram tratados e o que ainda está por ser feito.

[1] Defendida como dissertação de mestrado em 2007 e premiada pela Anpuh-RS, em 2009, a pesquisa foi publicada na íntegra: VARGAS, Jonas.*Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)*. Santa Maria: Ed. UFSM/ Anpuh-RS, 2010.

A Historiografia sobre o tema

As análises mais aprofundadas a respeito da vida política na época do Segundo Reinado só começaram a surgir na historiografia rio-grandense a partir do século XX. Obras referentes à Revolução Farroupilha (1835-1845) já vinham sendo escritas no século XIX[2], mas não irei incorporar as mesmas no presente artigo, uma vez que a formação dos partidos políticos rio-grandenses e a consolidação de um sistema político parlamentar com eleições regulares só começam a tomar força após a Guerra[3]. Assim sendo, as análises que mais se destacaram na primeira metade do século XX e que analisaram parcialmente o período, foram produzidas por memorialistas e/ou membros do IHGRS. Neste sentido, biografias de figuras políticas importantes, como Júlio de Castilhos, Gaspar Silveira Martinse o General Osório geralmente pincelaram questões a respeitoda política rio-grandense do período[4]. Contudo, as mesmas não têm esse tema como objeto principal de estudo. As chamadas "histórias municipais" também são um exemplo disso, como "A cidade de Pelotas", de Fernando Osório, que trouxe importantes questões a respeito da política pelotense e provincial[5].

De tudo o que foi escritonaqueles anos, com certeza o texto de Deoclécio Paranhos Antunes é a referência mais importante sobre o tema[6].

---

[2] ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul: memória acompanhada de documentos.* Porto Alegre: Corag, 1986 (1. ed. 1881); ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. *História da República Rio-grandense.* Porto Alegre: ERUS, 1981 (1. ed. 1882); BARCELOS, Ramiro. *A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: CORAG, 1987 (1. ed. 1882).

[3] Por esse motivo não incorporei no presente texto alguns ótimos trabalhos num período anterior ou durante a Guerra, como, por exemplo, GUAZZELLI, César A. B. *O Horizonte da Província: a República Rio-grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845).* Tese de Doutorado. PPGHIS-UFRJ, 1998; KLAFKE, Álvaro. *O Império na Província: construção do Estado Nacional nas páginas de O Propagador da Indústria Rio-grandense (1833-1834).* Dissertação de mestrado em História, UFRGS, 2006; RIBEIRO, José Iran. *"De tão longe para sustentar a honra nacional": Estado e Nação nas trajetórias dos militares do Exército Imperial brasileiro na Guerra dos Farrapos.* Tese de Doutorado. PPGHIS-UFRJ, 2009; MENEGAT, Carla. *O tramado, a pena e as tropas: família, política e negócios do casal Domingos José de Almeida e Bernardina Rodrigues Barcellos (Rio Grande de São Pedro, Século XIX).* Dissertação de Mestrado, PPGH-UFRGS, 2009, COMISSOLI, Adriano. *A serviço de sua majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (c.1808 - c.1831).* Tese de Doutorado: PPGHIS-UFRJ, 2011, entre outros.

[4] Ver, por exemplo, TEIXEIRA, Múcio. *Os Gaúchos.* Rio de Janeiro: Editores Leite Rieiro & Maurício, 1920; ROSA, Othelo. Júlio de Castilhos: perfil biográfico e escritos políticos. Porto Alegre: Globo, 1928; SILVEIRA MARTINS, José Júlio. Silveira Martins. Rio de Janeiro: Tipografia São Benedito, 1929; OSÓRIO, Fernando e OSÓRIO, Joaquim. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Typografia de G. Leuzinger & Filhos, 1º v. (1894), 2º v. (1915).

[5] OSÓRIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas.*Pelotas: Tipografia do Diário Popular, 1922.

[6] ANTUNES, Paranhos. Os partidos políticos no Rio Grande do Sul (1822-1889). In: *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-rio-grandense.* Porto Alegre: IHGRS/Livraria do Globo, v. 2, 1936.

Militar de carreira e membro do IHGRS, o autor buscou traçar um panorama político do período, redigindo uma história dos partidos conservador, liberal e progressista, além do movimento republicano. Tratava-se de um ensaio que não apresentavade forma clara as referências e fontes documentais utilizadas, sendo que em alguns momentos o autor cita trechos de cartas de líderes políticos que diz pertencerem ao seu acervo pessoal. Mesmo com tais limitações, o texto de Antunes firmava uma das tendências historiográficas aqui estudadas e que faria escola nas próximas décadas: compreender a história das ideias políticas dos partidos da época com base nos discursos parlamentares de seus líderes e documentação oficial dos mesmos.

Até os anos 1960 este foi o principal texto a dar conta do mencionado tema de forma mais panorâmica. Digamos que o método e as fontes a serem estudadas já estavam ali presentes. Contudo, uma maior preocupação com as relações entre o mundo político e as estruturas socioeconômicas encontrava-se totalmente ausente na análise de Antunes. E esta seria a linha seguida por Helga Piccolo, anos mais tarde. A tese da autora, defendida em 1972, é até hoje uma referência fundamental para os estudos sobre a história política do Rio Grande do Sul[7]. De acordo com Piccolo, a origem do Partido Republicano na província teria sido tardia, já que, fundado em 1882, distanciava-se bastante dos movimentos republicanos no Rio de Janeiro (cujo partido surgiu em 1870) e São Paulo (com fundação em 1873). Conforme a autora, o PRR demorou a ser criado porque o Partido Liberal rio-grandense, por conta da liderança de Gaspar Silveira Martins, possuía um posicionamento bastante radical para a sua época, ofuscando o discurso dos propagandistas republicanos. Uma prova disso, segundo a autora, seria que Ramiro Barcelos, Wenceslau Escobar e Francisco Xavier da Cunha, reconhecidos republicanos, elegeram-se deputados pela sigla Liberal. Tratava-se de uma tese bastante interessante, apesar de pouco revisitada e pouco debatida nos anos posteriores.

A obra de Piccolo traziaconclusões oriundas da leitura sistemática dos Anais da Assembleia Legislativa Provincial e do estudo do pensamento político das principais lideranças, aproximando-se muito da linha proposta por Paranhos Antunes – autor com quem ela dialoga ao longo do texto. Portanto, no mencionado trabalho também não existiam muitas preocupações com os aspectos sociais e econômicos que afetavam o campo da políti-

[7] PICCOLO, Helga. *A Política Rio-Grandense no II Império (1868-1882).* Porto Alegre: UFRGS, 1974.

ca e nem com o perfil social das duas lideranças. Dois anos depois, ao publicar a sua tese, a própria autora reconheceu essa falta: "Não negamos que para o conhecimento do posicionamento e pensamento políticos, seria necessário tomar em consideração a ambientação sócio-econômica dos personagens que fizeram política no Rio Grande do Sul. Mas, se esse é um estudo que ainda está por ser feito em relação aos políticos que atuaram no centro político do Império (...) o mesmo vale para o Rio Grande do Sul[8]".

A preocupação em estabelecer uma maior relação entre o espaço da política com os fatores socioeconômicosda época partiria de um outro grupo de historiadores contemporâneos à Piccolo. Os trabalhos de Sérgio da Costa Franco, Joseph Love e Spencer Leitman deram os primeiros passos no sentido de realizar melhor essa relação[9]. Todos os três, em algum momento de suas pesquisas, buscavam compreender ou o papel de fazendeiros, charqueadores e comerciantes na vida política provincial, como fez Leitman, ou as origens sociais e geográficas dos líderes dos partidos da época, como fizeram os outros dois. Contudo, apesar da mencionada contribuição historiográfica, nenhum deles tratava especificamente do sistema político partidário e das lideranças monarquistas no Segundo Reinado. Os trabalhos de Franco e Love, por preocuparem-se com a política no período republicano, analisavam o contexto da política provincial apenas para compreender o surgimento do PRR.

É nessa época que começa a surgir uma *ideia-força* presente em muitas análises posteriores, a de que o Partido Liberal representava os interesses dos estancieiros da região da Campanha[10]. Não se sabe bem ao certo quem sacralizou esse modelo interpretativo, presente em quase todas as análises escritas nos anos 1980 e 1990, mas sem dúvida Franco foi quem forneceu os principais esquemas analíticos que contribuíram nesse sentido. Ao biografar Júlio de Castilhos, principal cabeça pensante do PRR, o autor buscou tentar entender as origens de seu comportamento político. Para tan-

---

[8] PICCOLO, Helga. Op. cit., p. 17.

[9] FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época.* Porto Alegre: EDUFRGS, 1996 (1. ed. 1967); LOVE, Joseph L. *O Regionalismo Gaúcho e as origens da Revolução de 1930.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1975 (1. ed. 1971); LEITMAN, Spencer. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos.* Rio de Janeiro: Graal, 1979 (1. ed. 1972).

[10] Geograficamente, poderíamos definir a região da Campanha como um extenso território situado no sudoeste da província, na fronteira com o Uruguai, localizado abaixo do rio Ibicuí e que se estenderia, aproximadamente, até Jaguarão, quase no litoral da província. Era uma regiãona qual a pecuária bovina constituía-se no principal eixo econômico e cujos novilhos eram vendidos, em sua grande maioria, para as charqueadas de Pelotas.

to, enfatizou a sua origem social na região serrana do Rio Grande do Sul, local, segundo ele, economicamente mais pobre, sem unidades militares e sem poderosos coronéis. Portanto, tratava-se de uma população incapaz de adquirir escravos, "de modo que o braço negro jamais se erigiu em fundamento do sistema produtivo". Segundo Franco, "de tudo isso resultou, como é óbvio, uma sociedade de feição incomparavelmente mais democrática que a da Campanha meridional". Além disso, a região serrana não teria expressão entre as lideranças políticas e a nobreza titulada da província. Para o autor:

> Tais antecedentes histórico-sociais de seu meio nativo são importantes para a compreensão da vida pública de Júlio de Castilhos que, embora sendo um filho de senhores rurais, integrado por suas origens na classe dominante da Província, se tornou um demolidor da estrutura política tradicional. É evidente que não se pretende haja o meio predeterminado os lineamentos de sua vida pública, mas parece certo que tenha condicionado favoravelmente a independência que ele precocemente revelou em face dos grupos que tutelavam a Província[11].

O esquema analítico de Franco buscava opor os republicanos aos monarquistas, recorrendo às suas distinções geográficas e socioeconômicas. Daí a figura de Gaspar Silveira Martins é colocada como contraponto à do propagandista Castilhos. Nascido e criado numa região rica, na qual a escravidão era muito mais importante, Gaspar galgou postos até tornar-se, conforme Franco, o "autocrata dos pampas". O Partido Liberal, nesse contexto, era uma "agremiação tradicionalmente forte (...) robustecida pelo comando único e decisivo de um líder excepcional". Assim sendo, não havia espaços para os conservadores, mas apenas o "absoluto predomínio" do Partido de Gaspar. Usando relatos de viajantes, Franco também argumenta que o político bajeense exercia um fascínio sobre a população do campo. Se "o magnetismo pessoal que Gaspar exercia pôde fazê-lo, no Parlamento e nas rodas da Corte, uma figura temida e respeitada, o que não poderia ele em sua província, entre eleitores tacanhos e políticos de aldeia?[12]". Com essas palavras, origem social, localização geográfica e ideologia política se imbricavam, abrindo espaço para a ideia de que o Partido Liberal (que nada mais era do que o Partido de Gaspar, na opinião do autor) não poderia representar outra coisa que não os interesses da classe social da qual ele fazia parte.

---

[11] FRANCO, Sérgio da Costa. Op. cit., p. 10.
[12] FRANCO, Sérgio da Costa. Op. cit., p. 24-26.

Portanto, mesmo que Franco relativize a sua interpretação determinista, fica bastante evidente que a origem do republicanismo de Castilhos, em sua análise, vinha do meio no qual cresceu e foi educado. Por mais que isso tenha influenciado na sua trajetória política, tal modelo não explica, por exemplo, o republicanismo de outros líderes da época, uma vez que muitos deles eram justamente da região da Campanha[13] – o território, por excelência, dos "rivais" de Castilhos e, supostamente, de todos os líderes liberais. Neste sentido, é interessante pensar que, quase um século antes, Assis Brasil associava o republicanismo de sua geração às características do típico homem rio-grandense da Campanha. Acostumado com uma vida em liberdade e sempre cavalgando pelas campinas da província, esse homem necessitava viver sob um regime político que garantisse o pleno desenvolvimento de tais características naturais não apenas na sua vida cotidiana, mas também na política. Assim sendo, era necessário derrubar a monarquia centralizadora, pois ela vedava tais direitos aos rio-grandenses[14]. Assis Brasil, que era de família pecuarista rica e da região da Campanha, era tão importante quanto Castilhos nessa época da propaganda, sendo o único deputado eleito pelo PRR no período. Contudo, como se verá adiante, o que acabou prevalecendo na historiografia foi um modelo analítico baseado nas considerações de Franco.

Anos depois, Love dedicou algumas páginas de seu livro demonstrando a importância do General Osório e de Silveira Martins na liderança do Partido Liberal e enfatizando o fato de ambos serem estancieiros na região da Campanha[15]. Um detalhe importante é que Love, além de citar o trabalho de Franco nas primeiras páginas de seu livro, justamente no momento em que contextualiza as regiões da província e suas estruturas socioeconômicas, também o inclui nos agradecimentos como um dos seus interlocutores. Leitman, por sua vez, encerra a sua obra mostrando como alguns estancieiros moradores da região da Campanha e herdeiros políticos dos ideais liberais farroupilhas continuaram a influir na política regio-

---

[13] VARGAS, Jonas M.; SACCOL, Tassiana. Pai monarquista, filho republicano: propaganda republicana, eleições e relações familiares a partir da trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1877-1889). In: *Anais da VIII Mostra de Pesquisa do Arquivo Público do Estado do RS.* Porto Alegre: Corag/APERS, 2010. p. 225-249.

[14] ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. Op. cit.

[15] LOVE, Joseph. Op. cit., p. 22-24. A importância de Osório na liderança do Partido Liberal havia sido apenas mencionada por Franco. Em sua trama, não fazia sentido diminuir o protagonismo de Silveira Martins, pois, com a instalação da República e a Revolução Federalista (1893-1895), ele e Castilhos encabeçariam os distintos modelos políticos em disputa.

nal dos anos 1850 e 1860, mas não afirma diretamente que o Partido os representasse[16].

Entretanto, o livro de Leitman também tornou-se importante por outros motivos. Mesmo que tenha como foco a Guerra dos Farrapos (1835-1845), o autor estabeleceu uma série de reflexões a respeito de outros sujeitos que também participavam da vida política provincial. Neste sentido, a preocupação com o papel dos "caudilhos" na política rio-grandense trazia consigo uma dupla contribuição: ao mesmo tempo em que rompia com uma historiografia hegemônica na área– que afirmava a inexistência de caudilhos na sociedade e política rio-grandense do oitocentos[17] – o autor encerrava sua obra enfatizando a importância dos mesmos não apenas durante a Guerra, mas também nas décadas posteriores ao conflito.Soma-se a isso o fato de que tanto Leitman como Love utilizaram-se de vasta documentação epistolar, revelando a importância dos bastidores da política, as negociações, as alianças eleitorais e as relações sociais para além dos discursos oficiais. Neste sentido, sem cair num esquema simplista como o esboçado por Franco, os autores relacionavam o mundo da política com o das relações sociais e econômicas de sua época,arriscando-se a compreender o que dividia a elite política para além das ideologias partidárias.

Nos anos 1980 e 1990, ambas as vertentes foram reatualizadas. Seguindo a linha interpretativa próxima aos estudos de Love, Leitman e Franco, temos uma série de trabalhos realizados no final dos anos 1970 até o início dos anos 1990. Tratava-se de uma notável geração de historiadores, economistase cientistas políticos que, em sua maioria, tinham como foco principal de investigação o período republicano. Contudo, ao terem que recuar para a década de 1880, com o objetivode investigar o surgimento do PRR, estes estudos trouxeram grande contribuição ao analisar as origens da propaganda republicana e como funcionavam as disputas políticas no período monárquico[18]. Parte desses trabalhos também utilizou fontes documentais

---

[16] LEITMAN, Spencer. Op. cit.

[17] Para maiores detalhes ver GUTFREIND, Ieda.*A historiografia rio-grandense.* Porto Alegre: UFRGS, 1992.

[18] Refiro-me aos estudos de PINTO, Celi R. J. *Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPG em Ciência Política – UFRGS, 1978; KLIEMANN, Luíza H. *RS: Terra & Poder. História da Questão Agrária.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986; TRINDADE, Helgio& NOLL, Maria Izabel. *Rio Grande da América do Sul: Partidos e eleições (1823-1990).* Porto Alegre: EDUFRGS/Sulina, 1991; PESAVENTO, Sandra. *História do Rio Grande do Sul.*Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, 8.a edição; FONSECA, Pedro Dutra. *Economia e conflitos políticos na República Velha.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983;

variadas, como inventários *post-mortem* e correspondências privadas, que destoavam da outra vertente, mais preocupada com as ideologias e as posições oficiais dos partidos. No entanto, nenhum deles refutou o modelo de Franco, mas ao contrário. Foi nessa época que outra *ideia-força* se consolidou. Se os liberais representavam os poderosos estancieiros da região da Campanha, os republicanos agora eram tidos como mais jovens, mais educados, pertencentes a setores agrários intermediários, com maior entrada entre as camadas médias urbanas e com vínculos sociais no planalto serrano. Quem melhor sacralizou essa imagem foi Celi Pinto. Para a autora, os republicanos "não pertenciam à tradicional elite pecuária da Campanha gaúcha, que quase em sua totalidade formava o Partido Liberal", sendo que este foi "quase a única força política na província[19]".

Na mesma época, outro grupo de historiadores seguiu o modelo analítico consolidado por Piccolo, destacando-se alguns trabalhos que recorreram principalmente ao estudo das ideias políticas a partir da imprensa partidária[20]. De forma semelhante, mas buscando identificar um discurso político regionalista entre os líderes parlamentares, Newton Carneiro também trouxe grande contribuição para a temática. De todos os estudos posteriores ao de Piccolo,

---

FÉLIX, Loiva O. *Coronelismo, Borgismo e cooptação política.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987;TARGA, Luiz Roberto. Violência revolucionária e fundação do Estado burguês.In: TARGA, Luiz R. (org.). *Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada.* Porto Alegre: FEE, 1996, p. 81-92; RAMOS, Eloísa Capovilla da Luz. *O Partido Republicano Rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895).* Porto Alegre: Dissertação de Mestrado: PPGH-UFRGS, 1990.

[19] Seguindo um padrão inaugurado por Sérgio da Costa Franco, Pinto também afirmava que os republicanos "eram na sua maioria provenientes da região norte do estado, de ocupação recente e mais pobre do que a Campanha (...). Portanto, se eram estancieiros, não eram membros da oligarquia política rio-grandense". Tratava-se de uma tese na qual as ideias defendidas eram resultado da posição dos indivíduos na estrutura social e econômica da sociedade. Anos depois, Ricardo Pacheco manteve a mesma interpretação, com poucas alterações (PACHECO, Ricardo de A. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: PICCOLO, Helga; PADOIN, Maria M. (Org.) *História geral do Rio Grande do Sul: Império.* Porto Alegre: Méritos, 2007, v. 2, p. 139-153). Embora esse modelo já tivesse sido relativizado por Joseph Love (1975), foi apenas recentemente que essa tese foi criticada de forma mais completa, a partir de aprofundada pesquisa empírica (VARGAS, Jonas; SACCOL, Tassiana. Op cit.; SACCOL, Tassiana. *Um propagandista da República: Política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (década de 1880).* Dissertação de Mestrado. PPGH-PUCRS, 2013).

[20] GUTFREIND, Ieda. *Rio Grande do Sul (1889-1896): a Proclamação da República e a reação liberal através da sua imprensa.*Dissertação de mestrado. PPGH-PUCRS, 1979; PERURENA, Fátima. *A consciência conservadora através da imprensa.* Dissertação de mestrado. IFCH/UFRGS, 1985; ISAIA, Arthur. *A imprensa liberal rio-grandense e o regime eleitoral do Império: 1878-1889*. Dissertação de mestrado. PPGH-PUCRS, 1988; ALVES, Francisco das Neves. *O Discurso político partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895).* Tese de Doutorado. PPGH-PUCRS, 1998.

este é sem dúvida o que mais se assemelha com o da autora em termos metodológicos, pois, assim como ela, Carneiro recheia todos os capítulos com análises meticulosas dos discursos proferidos pelos deputados provinciais, num esforço de reconstrução do posicionamento ideológico da elite política riograndense a partir dos mesmos. No entanto, nos momentos em que esses autores ensaiavam estabelecer alguma relação destas elites com as classes sociais da época, as mesmas *ideias-força* mencionadas acima eram reproduzidas[21].

Apesar de contribuírem com a historiografia sobre a temática, o problema dessas abordagens é que a Assembleia Provincial só funcionava dois meses por ano e poucos deputados discursavam. Além disso, a imprensa partidária era profundamente tendenciosa e muitas vezes reproduziaapenas os posicionamentos políticos das poucas lideranças, sem espaço para opiniões adversas. Portanto, tratam-se de fontes que não atingem boa parte dos atores envolvidos no complexo campo das disputas políticas, como argumentei em "Entre a paróquia e a Corte". A política na prática cotidiana, fora dos parlamentos, era negligenciada[22]. Uma das consequências de tal método de investigação é que o General Manuel Luís Osório, que não discursava e não escrevia artigos na imprensa, passa despercebido em quase todos os trabalhos, só sendo lembrado na cisão liberal de 1879, quando rompeu com Silveira Martins. Tal ausência é um grande equívoco, pois Osório foi fundamental na formação do Partido Liberal nos anos 1860 e responsável diretopela sua hegemonia nos anos 1870 (hegemonia essa construída a partir das relações sociais entre ele e outros líderes políticos fora do mundo parlamentar). Pesquisas recentes dão conta de outras lideranças com importante peso no partido, escapando da exclusividade dada a Silveira Martins[23].

---

[21] Para Arthur Isaia, por exemplo, "o predomínio liberal na província era exercido pela elite tradicionalmente hegemônica nucleada na Campanha, que tinha na pecuária e na charqueada escravista o fundamento do seu processo de acumulação de capital" (ISAIA, Arthur. Op. cit., p. 20).

[22] Com relação a essa questão, foram raras as exceções. Ver, por exemplo, RAMOS, Eloísa Capovilla. Op. cit.

[23] Para Ieda Gutfreind, Silveira Martins era "a expressão de uma vontade coletiva" (GUTFREIND, Ieda. Op. cit., p. 12-13). Sérgio da Costa Franco, como já foi dito,afirmou que, salvo Silveira Martins, o restante do Partido Liberal era formado por "políticos de aldeia" (FRANCO, Sérgio da Costa. Op. cit. 26). Amanda Both, por exemplo, demonstrou a importância de Henrique D'Ávila e José Francisco Diana no interior do Partido (BOTH, Amanda C. *A trama que sustentava o Império: mediação entre as elites locais e o Estado Imperial brasileiro (Jaguarão, segunda metade do século XIX)*. Dissertação de mestrado. PPGH-PUCRS, 2016). André Fertig, por sua vez, nos mostrou o mesmo com relação ao Visconde de Pelotas (FERTIG, André. "É singular a animadversão que votam ao exército alguns políticos do nosso país": o Visconde de Pelotas e a questão militar. Anais do XXVI Encontra Nacional de História. Anpuh, 2011).A importância de tais lideranças políticas só veio à tona, historiograficamente falando, depois que mudei o foco de análise para toda a elite política provincial, em "Entre a paróquia e a Corte".

Portanto, quando ingressei no Mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2005, o painel historiográfico sobre a política rio-grandense no Segundo Reinado era esse: a) O Partido Liberal representava os interesses dos estancieiros da região da Campanha e Silveira Martins anulava as demais lideranças do partido; b) Pouco se sabia a respeito do Partido Conservador, nitidamente negligenciado pela historiografia[24]; c) Os republicanos não se diferenciavam dos monarquistas somente pelas ideias, mas também social, econômica e intelectualmente, sem contar a origem geográfica de seus líderes; d) As fontes mais utilizadas continuavam sendo os discursos parlamentares e a imprensa partidária.

Como os anos 1990 apresentaram poucas inovações na área, foi a partir da década posterior que se iniciou uma revigorada nos estudos sobre o tema. Influenciados pelo trabalho de Richard Graham, que acabava de ser lançado no Brasil[25], Marcos Witt, que estudou a imigração no litoral norte da província e a política local, e André Fertig, que analisou a forma como a Guarda Nacional estava inserida nas relações de clientelismo da época, incorporaramas ideias do autor nos seus respectivos estudos[26]. Foi por meio da pesquisa de ambos que descobri o livro do historiador norte-americano Graham, que, ao estudar o sistema político imperial, retirou completamente o foco de análise da política central e de sua elite dirigente, supostamente encastelada na Corte imperial. Devassando arquivos pessoais atrás das negociações e conchavos políticos e chegando, por meio de uma vasta cadeia de intermediários, até as muitas facções regionais e municipais, Graham defende o importante papel no jogo político exercido pelos grandes proprietários de terra locais[27]. Estes grandes fazendeiros espalhados por todo o Brasil não podiam ser descartados do processo de construção do Estado imperial, pois influíam nas decisões de juízes, delegados, vereadores e padres, decidiam as eleições. se apoderavam das patentes da

---

[24] Para Newton Carneiro, a elite econômica do Rio Grande do Sul "optou em massa" pelo Partido Liberal, que "constituiu-se, de fato, no partido oligárquico rio-grandense (representando a própria elite regional organizada"(CARNEIRO, Newton. Op. cit., p. 331).

[25] GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

[26] WITT, Marcos. *Política no litoral norte do Rio Grande do Sul: a participação de nacionais e colonos alemães (1840-1889).* Dissertação de mestrado. PPGH-Unisinos, 2001; FERTIG, André Atila. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província do Rio Grande do Sul na defesa do Estado Imperial centralizado (1850-1873).* Tese de Doutorado. PPGH-UFRGS, 2003.

[27] Décadas antes, Richard Graham havia orientado a tese de doutoramento de Spencer Leitman, o que certamente lhe auxiliou, além de muitas outras questões, a dar maior importância para o papel das elites regionais no interior do sistema político imperial.

Guarda Nacional, e seus braços se esticavam, por meio da mencionadarede de intermediários, até a política cortesã.

Ao contrário de José Murilo de Carvalho e Ilmar Roloff de Mattos, que davam importância apenas às elites dirigentes da Corte no processo de construção do Estado, considerando os grupos regionais como forças centrífugas que dificultavam o processode unidade nacional[28], Graham abria a possibilidade de novos estudos sobre o tema. Mesmo que exagerasse em sua interpretação clientelística a respeito do Estado monárquico brasileiro, sua tese valorizava as ações políticas das elites provinciais. Anos depois, surgiram novas contribuições que, apesar de teórica e metodologicamente distintas, seguiam um caminho semelhante na valorização do papel dos grupos de elite distantes da Corte[29]. Tratava-se de uma chave de leitura muito interessante para aqueles historiadores que frequentavam assiduamente os arquivos porto-alegrenses. Para mim, que havia sido estagiário no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul nos anos 2003 e 2004, foi quase um convite para enfrentar essa temática.

"Entre a paróquia e a Corte": uma contribuição à historiografia sobre o tema

Em 2005, como já mencionei, praticamente não se pesquisava o tema considerado. Lembro que nos arquivos eu seguidamente encontrava a colega Elaine Sodré, que se interessava pela magistratura rio-grandense e suas relações políticas com os potentados locais, e Miguel Angelo Costa, que estava investigando a participação popular nas eleições em Rio Pardo[30]. Ainda não conhecia os historiadores Alexandre Karsburg e Mauro Dilman, mas tempos depois fiquei sabendo que ambos dedicaram partes de suas dissertações refletindo sobre alguns aspectos relacionados à política pro-

---

[28] CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial e Teatro de Sombras: a política Imperial.*Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Relume-Dumará, 1996; MATTOS, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema: a Formação do Estado Imperial.* São Paulo: Hucitec, 1990.

[29] DOLHNIKOFF. Miriam. *O pacto imperial: origens no federalismo no Brasil do século XIX.* São Paulo: Globo, 2005; MARTINS, Maria Fernanda. *A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889).* Tese de Doutorado.PPGHIS-UFRJ, 2005.

[30] Para um resultado dessas pesquisas: COSTA, Miguel da. *Entre a "flor da sociedade" e a escória da população: a experiência de homens livres pobres no eleitorado de Rio Pardo (1850-1880).* Dissertação de Mestrado. PPGH-Unisinos, 2006; SODRÉ, Elaine. *A disputa pelo monopólio de uma força (i)legítima: Estado e administração judiciária no Brasil Império (Rio Grande do Sul, 1833-1871).* Tese de doutorado. PPGH-PUCRS, 2009.

vincial[31]. Não se tratavam de estudos sobre os partidos políticos e suas lideranças, mas os mesmos buscaram incorporar aspectos do mundo da política em seus trabalhos, ampliando os espaços e objetos tradicionalmente estudados. Portanto, as qualificações eleitorais, a magistratura, as lideranças religiosas, entre outros, também podiam ser analisados como fenômenos políticos, para além do mundo dos parlamentos. No entanto, continuávamos sem uma análise que tivesse os partidos políticos monárquicos e suas lideranças, numa perspectiva provincial, como objeto principal de estudo. Neste sentido, sínteses sobre o panorama político provincial escritas na época, sem poder contar com novas interpretações, acabavam repetindo as mesmas *ideias-força* que marcaram os anos 1980[32].

Assim sendo, escolhi percorrer um caminho historiográfico diverso daquele preocupado em investigar os discursos e ideologias dos partidos e dos seus líderes. Primeiro, porque eu achava que não havia mais nada de interessante a contribuir naquele sentido[33]. Segundo, porque eu não acreditava e não acredito que se possa escrever uma história do período recorrendo somente aos anais parlamentares e aos editoriais de imprensa. Portanto, meu principal objetivo era entender melhor o funcionamento do sistema político imperial, em especial a inserção da elite política sul-rio-grandense no interior do mesmo. Motivado por uma curiosidade juvenil, quis descobrir incessantemente quem eram os indivíduos que compunham a elite política do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, o que dividia os mesmos entre conservadores e liberais, como se davam as suas relações com as camadas subalternas da sociedade, entre outros aspectos. A leitura de "A construção da Ordem", de José Murilo de Carvalho, havia me estimulado a aplicar a mesma metodologia quantitativa num contexto provincial. No entanto, tudo o que eu lia naquela época me desviava para outras perspectivas de análise que focassem mais na ação política dos indivíduos e suas famílias.

---

[31] DILLMANN, Mauro. *Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888).* Dissertação de mestrado. PPGH-Unisinos, 2007; KARSBURG, Alexandre. *Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria, 1884-1897).* PPGH-PUCRS, 2007.

[32] KUHN, Fabio. *Breve História do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Leitura XXI, 2002; MAESTRI, Mário. *O Império: da consolidação à crise do escravismo.* Passo Fundo: UPF, 2005.

[33] Atualmente, não penso da mesma forma. Creio que ainda há muito a contribuir com relação às mencionadas temáticas, sobretudo, partindo-se de uma História das ideias que estabeleça um maior diálogo com a Sociologia e a História Social. Para um modelo interessante, ver ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a Geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz eTerra, 2002.

Minha proposta era observar o mesmo cenário político trabalho por Piccolo, mas com referenciais teóricos e metodológicos distintos. Descobrir novas fontes documentaisque pudessem auxiliar no estudo do tema, olhar para espaços de atuação que eram negligenciados pela historiografia, retirar a política do parlamento e colocá-la nas ruas, nas paróquias, nas estâncias. Preocupar-se menos com os discursos dos deputados e mais com as suas estratégias sociais e econômicas. Entender que por trás de cada membro da elite política havia uma importante malha parental com uma extensa clientela distribuída pela província e que cada indivíduo estava imerso em uma rede de relações sociais que utilizavam para atingir os seus objetivos políticos. Em suma, eu queria compreender melhor como os políticos e suas famílias agiam e se comportavam enquanto grupo social e de que forma tudo isso afetava o mundo da política provincial. Numa situação limite, eu buscavaentender o comportamento de uma elite distante da Corte e quais mecanismos os seus membros utilizavam para diminuir a insegurança e a incerteza que permeava todo o sistema político imperial.

Na ocasião, tomei como cavalo de batalha a defesa de uma *História Social da Política*. O uso quase exclusivo de fontes oficiais, discursos parlamentares e editoriais de imprensa acabava por afetar o resultado dos estudos até então realizados. Era preciso utilizar outras fontes documentais, a partir de outras referências teóricas e metodológicas. Iniciei uma pesquisa mais aprofundada com inventários *post-mortem* de líderes políticos e seus familiares, listas de qualificação de votantes e Guarda Nacional, processos-crimes, processos de alistamento eleitoral, testamentos, correspondências oficiais e privadas, livros de transmissão e notas, diários, dicionários biográficos, genealogias, monografias sobre histórias municipais, anais da Assembleia Legislativa provincial, da Câmara dos deputados e do Senado, Relatórios do Presidente da Província e dos Ministros do governo, periódicos publicados em diversas cidades do Rio Grande do Sul e da Corte, entre outras. Portanto, tudo o que pudesse me oferecer informações a respeito da prática política desde as paróquias mais longínquas até a Corte e que foi possível acessar.

Em termos teóricos eu tinha duas alternativas bastante claras. Quando se tratava de trabalhar com História Política, autores como René Remond, Pierre Bourdieu e Pierre Rosanvallon eram os mais usados na época. Contudo, tratavam-se de autores que tinham estabelecido as suas reflexões pensando mais nas instituições políticas modernas, típicas das socie-

dades urbanas e industrializadas do século XX[34], do que nas sociedades agrárias, escravistas e pré-industriais, como a que eu buscava estudar. Daí queme identifiquei com textos que pensavam a prática política em contextos semelhantes, com ênfase nas relações clientelísticas e na competição entre facções e poderes locais. Recorrendo à Antropologia, tomei conhecimentode autores como Eric Wolf, Carl Landé e SydelSilverman[35]. Suas pesquisas me ajudaram a pensar o papel dos mediadores nos sistemas políticos tradicionais e de como a noção de rede social poderia ser útil para a compreensão da atuação dos mesmos. Entre os historiadores, encontrei em Giovanni Levi uma das principais influências para pensar as estratégias familiares e a importância das relações sociais no funcionamento da política paroquial em sociedades agrárias e pré-industriais[36].

Para testar as minhas hipóteses e avaliar se as *ideias-força* presentes na historiografia se confirmavam empiricamente, tomei uso do método prosopográfico[37]. A coleta de informações biográficas sobre os deputados provinciais e gerais, senadores e ministros rio-grandenses e o tratamento coletivo dos mesmos foi fator fundamental na pesquisa. Por meio dela pude demonstrar que o Partido Conservador reservava mais cadeiras para deputados da região da Campanha do que o Partido Liberal. Portanto, se um dos dois poderia ser considerado representante dos interesses dos estancieiros daquela localidade era o Conservador. Não fiquei surpreso com a descoberta. Os autores que anteriormente defendiam o contrário não sustentavam suas informações em nenhuma base empírica. O simples manuseio de alguns documentos mostrava que a região da Campanha estava repleta de famílias pecuaristas vinculadas ao Partido Conservador e que estas imprimi-

---

[34] Como, por exemplo, RÉMOND, René. *Por uma história política.* Rio de Janeiro: FGV, 2003; BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Lisboa: Difel, 1989; ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *História* (Unesp), 1996, v. 15, p. 27-39.

[35] WOLF, Eric. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México.In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Org.). *Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf.*Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003, p. 73-91; LANDÉ, Carl. Introduction: the dyadic basis of clientelism. In: SCHMIDT, S. W. et al. (eds.). *Friends, FollowersandFactions; a reader in politicalclientelism.* Berkeley: University of California Press, 1977b, p. XIII-XXXVIII; SILVERMAN, Sydel F. Patronage and community-nation relationships in central Italy. In: SCHMIDT, S. W. (ed.). *Friends, Followers and factions: a Reader in Political Clientelism.* Berkeley: Universityof Califórnia, 1977, p. 293-304.

[36] LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[37] Para tanto, ver HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por uma outra história das elites.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ram derrotas aos liberais da localidade. Portanto, aquela tese parece ter sido fruto de um vício analítico comum em estudos que buscam, de forma mais simplista, estabelecer uma relação entre classe social e adesões ideológicas.

Os indicadores prosopográficos também me ajudaram a perceber que não havia praticamente nenhuma diferença socioeconômica e sócio-profissional entre os deputados conservadores e liberais. Estancieiros, comerciantes, advogados, médicos, estavam igualmente distribuídos em ambos os partidos, com uma maior presença dos magistrados entre os conservadores e de indivíduos nascidos fora do Rio Grande do Sul entre os liberais. Além disso, nos anos 1880, ambos os partidos também possuíam lideranças jovens e sem experiência política, com educação superior e dedicados a profissões mais urbanas, não sendo tais caraterísticas uma exclusividade dos republicanos, como se argumentava. Tempos depois contribuí com outro texto no qual verificava os vínculos dos republicanos da propaganda com famílias ligadas às lideranças políticas monarquistas, com títulos de nobreza e com base agrária na Campanha e no planalto norte[38]. Portanto, o republicanismo se desenvolveu no seio de famílias que eram socioeconomicamente muito semelhantes com os monarquistas.

A utilização do método prosopográfico também me ajudou a verificar os mecanismos de recrutamento dessa elite, quais os pré-requisitos deveriam ser enfrentados por aqueles que desejassem escalar o topo da pirâmide e as singularidades da elite política rio-grandense – que só foram possíveis de identificar na comparação com as elites da Bahia e do Ceará. Foi somente a partir do método que pude perceber como o General Osório destoava dos demais membros da elite política, pois não seguia os padrões de recrutamento do grupo. Ingressara na política em idade avançada, saltando os cargos iniciais, vinha de região pobre da província e sem formação superior. No entanto, tal condição não o impediu de se tornar o primeiro grande chefe do Partido Liberal. Portanto, o perfil coletivo do grupo, construído a partir da prosopografia, não dava conta de todos os fatores que influíram na constituição da elite política provincial. Daí que a análise das trajetórias também se tornava necessária, ainda mais no caso de Osório. Seu sucesso no campo da política era consequência da sua trajetória no mundo da guerra e das relações sociais que construiu a partir da mesma, tanto nas paróquias da fronteira, quanto na Corte. Portanto, ao voltar o meu olhar

[38] VARGAS, Jonas; SACCOL, Tassiana. Op. cit.

para os casos excepcionais, que destoavam das tendências gerais para todo o grupo, pude perceber, a partir de um exercício de microanálise social, outros capitais relacionais e fatores que também influíam no mundo da política.

Outro método igualmente importante para as conclusões do trabalho foi a *network analysis* (análise de redes sociais), que serviu para compreender o funcionamento das eleições no período, a constituição das alianças políticas, estratégias familiares, formação e atuação dos mediadores, ou seja, o próprio funcionamento da política. Em muitos momentos, as relações sociais eram mais importantes do que as ideologias dos partidos. Tratava-se de uma sociedade na qual a "informação" também se constituía num bem muito valioso, daí que se buscavam aliados em diferentes esferas da sociedade. No centro destas redes sociais estavam as famílias, na qual os membros diversificavam as suas atividades, buscando reunir recursos materiais e imateriais em benefício de todos, com o fim de abastecer as demandas das facções locais e manter a posição de elite local e regional.

Neste sentido, a micro-história italiana esteve presente em toda a pesquisa. A ideia de que a redução da escala de análise na ação dos indivíduos e suas redes relacionais no mundo da paróquia me ajudaria a compreender melhor o funcionamentodo sistema político imperial foi muito proveitosa. A documentação revela uma grande preocupação da elite política e dos fazendeiros nas eleições, permeadas por um clima de incerteza e de insegurança a respeito dos resultados finais. Tratava-se de uma tarefa que reunia muitas pessoas, em eleições contadas voto a voto, nas quais os conservadores estavam presentes em todas as regiões. Portanto, as eleições não se resumiam a um teatro controlado pelo Gabinete ministerial no poder e nem os liberais dominavam a política na região da Campanha sem nenhuma ameaça, embora tenham vencido mais vezes. A ampla participação popular, fazia com que as clientelas costuradas no cotidiano se confundissem com outras relações de dependência e no dia das eleições tudo influenciava no comportamento dos votantes, tornando o processo bastante complexo e competitivo. Hoje sabemos os resultados de todos os pleitos da época, mas as pessoas que viveram aqueles acalorados momentos de disputas, protagonizando situações de extrema violência, não sabiam quem iria vencer e é esse era o clima que eu buscava capturar.

O processo de pesquisa e reflexão historiográfica nunca é solitário. No meu caso, os muitos bate-papos que tive com Luís Farinatti, Tiago Gil, Maria Fernanda Martins, Luiz Alberto Grijó, Flávio Heinz, Paulo Morei-

ra e Helen Osório (minha orientadora) foram de grande importância, pois contribuíram para que meu trabalho amadurecesse bastante. Como as análises inspiradas por uma *História Social da Política* acabam incorporando outros espaços da sociedade anteriormente negligenciados pela historiografia, foi difícil dar conta de tudo o que eu achava importante. Além disso, a quantidade de fontes documentais pesquisadas possibilitou-me trazer à tona uma variedadede agentes sociais que também faziam parte daquele mundo, mesmo que não discursassem no Parlamento ou não escrevessem artigos na imprensa. Anos depois, pude perceber que a pesquisa abriu muitas portas e indicou muitas possibilidades de estudo. Neste sentido, trabalhos posteriores a 2007 vêm contribuindo com a historiografia de forma bastante significativa, preenchendo algumas dessas lacunas, mas ainda há muito o que ser dito sobre a temática.

As novas contribuições historiográficas e o panorama atual das pesquisas

Como já foi dito, na ocasião em que apresentei alguns resultados parciais de "Entre a paróquia e a Corte" no VIII Encontro Estadual de História (2006) não obtive muitos interlocutores. Contudo, passados dez anos, o cenário atual tornou-se muito diferente. O número de estudos que tratam direta ou indiretamente da vida política provincial cresceu enormemente. São mais de 20 trabalhos em cerca de 10 anos e a grande maioria segue a linha da *História Social da Política*. O uso do método prosopográfico e da análise de redes sociais tem se tornado cada vez mais comum. O foco nas famílias como atores políticos ao invés da exclusiva observação dos indivíduos constitui-se hoje quase umaregra. A noção de "mediador" também surgiu como um instrumental teórico importante e as elites locais no interior do sistema político monárquico já não são mais vistas como insignificantes, pois seus diferentes espaços de atuação estão sendo muito bem investigados. Portanto, ao invés de análises mais focadas nos discursos parlamentares, nos editoriais de imprensa e nos programas partidários, tem sido cada vez mais comum os historiadores estudarem as estratégias dos indivíduos, das suas famílias e as múltiplas facetas que estruturavam o universo da vida política no oitocentos. Trata-se de uma virada historiográfica notável.

Analisando esses estudos de forma mais aprofundada podemos perceber que algumas temáticas e abordagensdestacam-se mais do que outras.

Os estudos sobre trajetórias, por exemplo, lideram as novas pesquisas[39]. Neste sentido, muitos deles agregam o conceito de *mediador* para compreender a atuação dos indivíduos estudados, outros dão maior ênfase às *redes de relações sociais* estabelecidas pelos líderes políticos e alguns focam mais nas *estratégias familiares* na qual eles estavam inseridos. Como vimos acima, tratam-se de três enfoques que foram centrais em "Entre a paróquia e Corte", constituindo-se fundamentais para uma história mais social do campo político. Tais pesquisas ajudam a perceber as margens de manobra e os limites de atuação dos indivíduos no interior do sistema político, além da contínua reconfiguração dos espaços sociais e contextos nos quais os mesmos agiam, sempre no manejo dos seus capitais relacionais. Neste sentido, a própria noção de "sistema político" se torna mais dinâmica, pois não se constitui apenas em um conjunto de regras estabelecidas que normatiza o comportamento dos atores envolvidos, mas também, como algo que é igualmente afetado e transformado pela ação dos mesmos e de suas escolhas.

No geral, os mencionados estudos contribuem para um maior conhecimento sobre as dinâmicas políticas no nível paroquial, mas não tem nelas o seu objeto de pesquisa principal[40]. Isso foi tarefa de um outro grupo de pesquisas geograficamente mais localizadas no nível municipal. Desnecessário dizer que o foco nas redes sociais e nas relações familiares também está presente nesses estudos. Contudo, tais pesquisas privilegiam igualmente um tratamento quantitativo do perfil da elite local, inspirado no método prosopográfico, com vistas a detectar os padrões de hierarquização local. Tais trabalhos, nitidamente inspirados por uma perspectiva micro-analítica, são fundamentais para entendermos o que estava em jogo quando se

---

[39] Ver, por exemplo, SACCOL,Tassiana. Op. cit.; ROSSATO, Monica. *Relações de poder na região fronteiriça platina: família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins.* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFSM, 2014; SILVA, Matheus Luís da. *Trajetória e atuação política de Antônio de Souza Netto (1835-1866).* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFSM, 2015; OLIVEIRA, Leandro Rosa de.*Nas veredas do Império: guerra, política e mobilidades através da trajetória do Visconde de Serro Alegre (Rio Grande do Sul, 1790-1870).* Dissertação de Mestrado. PPH-PUCRS, 2016; ANDRADE, Gustavo F. *A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares: família, comunicação e fronteira.* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFSM, 2017.

[40] BOTH, Amanda. Op. cit., MARTINY, Carina. *Os seus serviços públicos e políticos de certo modo ligados à prosperidade do município". Constituindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900).* Dissertação de Mestrado. PPGH-Unisinos, 2010; MUGGE, Miqueias. *Prontos a contribuir: guardas nacionais, hierarquias sociais e cidadania (Rio Grande do Sul – século XIX).* São Leopoldo: Oikos, 2012; NICOLOSO, Fabrício.*Fazer-se elite em Santa Maria: os imigrantes alemães entre estratégias políticas e sociais (1830-1891).* Dissertação de Mestrado: PPGH-UFSM, 2013.

examina as disputas faccionais nas paróquias, ou seja, a parte mais violenta do sistema político e da qual os "ilustres" estadistas e políticos da Corte não queriam se identificar (muito embora estivessem direta ou indiretamente conectados a elas).

Outros estudos se dedicaram a pesquisar a dinâmica das eleições, as relações clientelísticas e as alianças políticas em nível local, algo que entendi como fundamental em "Entre a paróquia e a Corte", e que Fertig e Witt já haviam investigado anteriormente. Nestes casos, o foco são os chefes locais e suas estratégias políticas no contexto eleitoral. Tais estudos são importantes, pois confirmam a centralidade das relações familiares e de compadrio nas disputadas paroquiais, local no qual o entendimento a respeito da política da época não era o mesmo que o do mundo das grandes cidades e da Corte. No nível da paróquia, as facções tinham primazia sobre as ideologias partidárias, configurando-se em uma arena política na qual os critérios de disputa eram diversos[41].

Como a *História Social da Política* amplia as possibilidades de foco de análise sobre o campo político, temos também algunsnovos estudos que contribuíram significativamente com o tema, agregando outros espaços relacionados ao mundo da política não apenas parlamentar, como também do cotidiano, das relações de poder e das ideologias, além do estudo das elites e da burocracia estatal. É o caso dos trabalhos que se dedicaram a estudar melhor o movimento abolicionista da época, o papel dos intelectuais, dos bacharéis e dos líderes políticos ligados aos imigrantes europeus[42].

Portanto, tendo lido e mencionado todos esses novos trabalhos, causou-me uma grande satisfação perceber que a grande maioria deles dialoga

---

[41] UBERTI, Hermes. *"A benção que se pede e a benção que se dá": redes sócio-familiares de camadas intermediárias (Randolpho José da Silva Pereira, 1841-1914).* Dissertação de Mestrado: PPGH-Unisinos, 2011; COSTA, Miguel da Silva. *Entre a intolerância política e a sede ardente de mando: família, poder e facções no tempo dos cunhados José Joaquim de Andrade Neves e João Luís Gomes da Silva.* Tese de Doutorado. PPGH-Unisinos, 2011; PANIAGUA, Edson. *A construção da ordem fronteiriça: grupos de poder e estratégias eleitorais na Campanha sul-rio-grandense (1852-1867).* Tese de Doutorado. PPGH-Unisinos, 2012.

[42] Respectivamente, RAMOS, Gislaine Borba. *"É a causa dos oprimidos a que abraçamos": considerações sobre escravidão e liberdade nas páginas do jornal A Reforma (Porto Alegre, 1870-1888).* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFRGS, 2013;SILVEIRA, Cassia D. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Literário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX.* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFRGS, 2008; MAIA, Leonardo P. *A força da pena: um estudo acerca da valorização do bacharel em Direito nas relações políticas dos sul-rio-grandenses: Pelotas e Alegrete (1850-1870).* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFSM, 2016; PIASSINI, Carlos E. *A participação política de imigrantes germânicos no Rio Grande do Sul: os brummerKahlden, Haensel. Koseritz e Ter Bruggen, 1851-1881.* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFSM, 2016.

direta ou indiretamente com "Entre a paróquia e a Corte". Além disso, é possível verificar que se trata de uma geração bastante influenciada pela micro-história italiana e as possibilidades de sua aplicação para o entendimento da política local. Neste sentido, temos um novo quadro a respeito da política provincial, informado por aquilo que chamo, de forma insistente, de uma *História Social da Política*. Tal renovação historiográfica ajudou a ampliar os espaços tradicionalmente entendidos como objetos da História Política, algo que já era reivindicado por René Rémond e outros autores. Contudo, ela coloca as relações sociais, familiares e a ação de uma gama variada de indivíduos no centro da análise. A história dos parlamentos é substituída pela análise das relações sociais estabelecidas pelos parlamentares, a história da ideologia dos partidos pela trajetória de seus líderes, os resultados eleitorais pelo comportamento dos votantes/eleitores, a imprensa partidária pelas redes de relações nas quais os jornalistas estavam inseridos, a proeminência dos tribunos pela malha parental da qual os mesmos faziam parte, e assim por diante.

Apesar da grande quantidade de trabalhos realizados nos últimos anos, ainda existem muitas lacunas na historiografia sobre o tema. Pouco se sabe a respeito dos presidentes de província, de como se dava a sua relação com os deputados provinciais, qual a efetividade de suas ações e a influência sobre a dinâmica política regional e local. Além disso, também não temos um comparativo das administrações conservadoras e liberais, analisando como ambos os partidos votavam seus orçamentos e despesas, e como se dava a gestão de recursos e pessoas relacionados à Instrução Pública, Saúde, Polícia, Guarda Nacional, Fazenda, Justiça e outros ramos da administração em nível provincial. Estudos sobre os empregados públicos e sua prática administrativa, os chefes de polícia e sua relação clientelística com delegados e subdelegados, os juízes de paz e o seu papel na política paroquial, também se constituem em carências historiográficas.

Ainda sabemos muito pouco sobre a participação das autoridades religiosas na vida política local e regional. Como influíam em questões de caráter religioso e não religioso? Qual a importância da imprensa religiosa nesse contexto? Existiam candidatos que mobilizavam o catolicismo ou o protestantismo como capital eleitoral? Como isso ocorria? Os papéis exercidos pelas mulheres nos diferentes contextos da vida política provincial também merecem ser mais bem pesquisados. Em "Entre a paróquia e a Corte" analisei o caso de um votante que só conseguira qualificar-se para participar das eleições por conta da renda salarial de sua esposa, que era

professora pública. É provável que tanto no nível mais paroquial, quanto no seio das famílias ricas de elite, as mulheres exercessem um papel muito mais importante do que a historiografia vem demonstrando.[43] Neste sentido, a Literatura nos parece muito mais à frente. Basta ver as personagens femininas de Machado de Assis e Lima Barreto, por exemplo. Diários íntimos, como o utilizado por Celso Castro, ou correspondência privada, como fez Débora C. de Paula, são belas fontes para se iniciar uma pesquisa nesse sentido[44].

A importância das Escolas Militares nas relações políticas provinciais também merece uma maior atenção. Qual o papel dos alunos e dos professores nesse contexto? Como as instituições se posicionaram em momentos-chave da política provincial? Suas relações com o abolicionismo e o republicanismo foram evidentes. Paulo Moreira foi quem melhor tratou disso, mas ainda existe espaço para pesquisas mais aprofundadas[45]. As estatísticas referentes às eleições também merecem ser revisitadas. O estudo do comportamento eleitoral de algumas regiões pode ser de grande valia se visto em períodos de mais longa duração, inclusive entrando século XX adentro. Como as regiões de colonização alemã e italiana se comportavam nas urnas, a região da Campanha, o planalto serrano, entre outras. Os cientistas políticos têm uma série de técnicas metodológicas que ajudam a dar um maior suporte analítico neste sentido, mas ainda é necessário localizar e organizar longas séries de resultados eleitorais.

O períodoentre 1845 e 1865 também precisa ser melhor estudado. Não está bem claro como se deram as dinâmicas de aliança na formação da Liga e da Contra-liga, além do processo de fundação do Partido Liberal Histórico e do Partido Progressista. A forma como antigos legalistas e farroupilhas distribuíram-se pelas novas facções em jogo também pode ser mais bem pesquisada. Na realidade, o período é muito rico para análises, pois envolve uma série de conflitos na fronteira, guerras, crises e retomada da economia pecuário-charqueadora e reorganizações partidárias impor-

---

[43] Importantes exceções são os trabalhos de BARBOSA, Carla A. *A casa e suas virtudes: relações familiares e a elite farroupilha (RS, 1835-1845).* Dissertação de Mestrado. PPGH-Unisinos, 2009; MENEGAT, Carla. Op. cit.

[44] CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; PAULA, Débora Clasen de. *"Da mãe e amiga Amélia": cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX).* Dissertação de Mestrado. PPGH-Unisinos, 2008.

[45] MOREIRA, Paulo S. *Os cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano*. POA: EST, 2003.

tantes[46]. Neste sentido, também está por ser escrita uma história do Partido Conservador no Rio Grande do Sul, pois a historiografia gaúcha sempre privilegiou os farroupilhas, os liberais e os republicanos, em detrimento dos legalistas, dos conservadores e dos maragatos, com raras exceções.

Seguindo uma lógica da História Social da Política, também vejo como algo necessário estudar quem eram os proprietários dos jornais da época, além dos principais publicistas e redatores, e como os mesmos podiam influir na política das principais cidades da época. A imprensa partidária também foi importante nos municípios do interior e talvez uma das maiores armas políticas do período. Neste sentido, os estudos sobre as elites locais continuam sendo cada vez mais úteis. Sempre suspeitei que as grandes lideranças dos partidos, nucleados em Porto Alegre, olhassem com bons olhos para aqueles coronéis ou advogados militantes do interior, oferecendo, aos mesmos, espaços de promoção no interior do sistema político. Assim sendo, vereadores destacados podiam chegar à presidência da Câmara e, posteriormente, ocupar uma cadeira na Assembleia. O mesmo funcionava com os oficiais da Guarda Nacional que prestavam grandes serviços ao seu partido e até mesmo os juízes de direito, como demonstrei em outro artigo[47]. Portanto, os mecanismos de recrutamento, as dinâmicas familiares e as lógicas de negociação no mundo das paróquias, assim como os canais de mediação abertos, ainda merecem novos estudos.

Concluindo, gostaria de dizer que mesmo com as minhas respeitosas discordâncias a respeito do tipo de abordagem consolidada por Helga Piccolo, sua importância para a historiografia é incontestável. O título do presente texto nada mais é do que uma homenagem ao seu livro, intitulado "A política rio-grandense no Segundo Império". Defendido como tese, em

---

[46] Em "Entre a paróquia e a Corte" verifiquei como antigos farroupilhas estiveram presentes na fundação do Partido Liberal histórico.Dei prosseguimento ao tema quando estudei a trajetória do Coronel José Alves Valença,analisando os capitais relacionais mobilizados por um chefe farroupilha depois que a guerra havia se encerrado (VARGAS, Jonas. As duas faces do coronel Valença: família, poder local e mediação política em Santa Maria (1850-1870).In: WEBER, Beatriz; RIBEIRO, José Iran (Org.). *Nova História de SantaMaria: contribuições recentes.*Santa Maria: Câmara Municipal, 2010, p. 287-320).Sobre Bento Manoel Ribeiro e David Canabarro, verVARGAS, Jonas; FARINATTI, Luis. "A nossa causa é a causa deles": Elites regionais, chefes paroquiais e a construção do Estado imperial brasileiro: Rio Grande do Sul (c. 1820 – c. 1880). In: BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira; BARBOSA, Silvana Mota (Org.). *Dos poderes do Império: culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX.* Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014, p. 225-256.

[47] VARGAS, Jonas. "Magistrados imperiais": atuação política e perfil social de carreira dos juízes de direito no Rio Grande do Sul (1833-1889). *Clio* (UFPE), v. 34, 2016, p. 74-95;

1972,o mesmo está completando quase meio século. Posso dizer que esse trabalho é a mãe de quase todos os estudos que mencionei ao longo das páginas desse texto, pois foi o primeiro anos despertar para a importância da temática entre os historiadores acadêmicos. Particularmente, causou-me certo impacto quando o li, ainda no início da minha graduação, muito devido à compilação de grande quantidade de discursos e de uma tese coerente com o tipo de abordagem realizado. Posteriormente, a Professora Helga nos legou uma série de outros textos igualmente importantes, passando por diferentes temáticas, desde a Guerra dos Farrapos até à imigração alemã.

Assim sendo, espero que o leitor não entenda que ao advogar a prática de uma *História Social da Política* eu esteja indo contra o uso dos anais parlamentares e da imprensa partidária da época, nem mesmo desencorajando estudos sobre as ideologias políticas do período. Estes documentos são fontes preciosas para o estudo da história política em qualquer sociedade, uma vez que os discursos também são prática política. No entanto, o que defendo é um uso de tais fontes combinado com uma abordagem mais social dos agentes envolvidos. Cada deputado que subia à tribuna estava imerso em uma rede de relações sociais e amparado por famílias de elite que bancavam suas candidaturas, sem os controlar, como se fosse um mero fantoche. Contudo, qualquer análise que examine somente uma das pontas dessas longas cadeias pode estar sendo incompleta na compreensão de como o sistema político funcionava. Em outras palavras, a política não estava descolada dos demais aspectos da sociedade e se quisermos compreender o funcionamento desse campo, não podemos prescindir da busca, às vezes quase utópica, em compreender melhor o comportamento das pessoas que dele faziam parte.